

XV 94354

# Juruna e seus xavantes no Teatro Municipal

A dança indígena será apresentada pela primeira vez em São Paulo; uma homenagem da Secretaria de Cultura do Município ao Dia do Índio

"Riqueza do índio é festa, corrida, a alegria dele, isso é que é a riqueza dele", disse o cacique Mário Juruna, da tribo Xavante, quando esteve em São Paulo há alguns meses, tentando obter recursos para seu povo ao mesmo tempo em que chamava atenção da opinião pública para o problema do índio em geral. Agora Juruna está de volta com um grupo de seus irmãos. Ele vem para mostrar parte daquela riqueza: cinco danças dos vários rituais xavantes. Será a partir das 21 horas no Teatro Municipal, com entrada gratuita. A apresentação comemora o Dia do Índio e é promovida pela Secretaria de Cultura do Município. O órgão realiza também o Simpósio Sobre Assuntos Indígenas, iniciado no dia 16 e que termina amanhã.

Os índios acreditam que além da coragem, resistência, altivez e da força, a vida precisa ter beleza e alegria. Este é um dos motivos pelos quais eles dançam nas suas aldeias, enquanto os velhos conversam e as crianças brincam nas noites quentes do Xingu. Tudo isso desaparecerá nesta quarta-feira. Ao invés da lua e das estrelas, ou do sol, a luz dos refletores. No final, os aplausos substituirão a alegria desinteressada. Não terá sido um ritual, apenas um espetáculo.

Há antropólogos que criticam, com o argumento de que transformar danças indígenas em espetáculo artístico é esvaziá-las do seu conteúdo religioso, folclorizando-as. No entanto, o secretário da Cultura Sábado Magaldi, entusiasta da iniciativa, não vê nenhum problema em apresentar a cultura xavante para o público urbano: "Trazer os índios não é nem um pouco depreciativo, pelo contrário, é uma forma de valorizar sua cultura". Explica: "A escolha do local deve-se à intenção de oferecer o que temos de melhor a eles".

Mesmo com a preocupação do secretário em oferecer o melhor aos 25 xavantes, na realidade eles se mostravam muito pouco à vontade ontem à tarde no Estádio Municipal do Pacaembu, onde estão hospedados.

Com exceção de poucos, entre eles o cacique Mário Juruna, os índios estão estranhando toda a movimentação criada em torno do Dia do Índio, e da apresentação que farão no Municipal. Cercado pela imprensa, a ponto de pedir para não ser mais entrevistado, Juruna afirmou que vários índios estão sentindo os efeitos "da fumaça" e alguns estão com dores no peito, no dente e no nariz. Coisa que não sentiam antes de vir para São Paulo.

Várias vezes entrevistado como líder do grupo, Juruna sempre fez questão de pedir auxílio para os índios, desde tratores para arar a terra, até agasalhos e remédios. Disse ainda que na sexta-feira, irá até Brasília conversar com o presidente da Fundação Nacional do Índio, general Ismarth de Oliveira sobre "meios para melhorar a nossa vida". Como não poderia deixar de ser, foi perguntado sobre seu gravador: "Ainda está comigo. Levo sempre aonde vou". E sua forma de pegar as pessoas pelo compromisso.

## AS DANÇAS

Na apresentação de hoje, os 25 xavantes apresentarão cinco danças: "wai'a", "datsiwaiwêra", "datsiwai'o", "wanoridobê" e "hoi'wadzauri". O "wai'a" é considerada o maior ritual dos xavantes. É dançado 2 vezes, uma durante a tarde outra a noite. A noite o ritual é de adoração ao espírito mau, e durante a tarde o ritual é feito fora da tribo, quando os índios ficam ao redor do espírito mau, desafiando-o para a luta. Desse ritual só participam os homens. O "wai'a" sofre diferenças segundo a estação do ano e a finalidade da sua realização.

O "datsiwaiwêra" é uma característica da modalidade "wai'a" e é praticada para a cura de doentes. Só é dançado quando o curandeiro não encontrou nenhuma raiz do mato que possa curar o enfermo. É feito um círculo com o doente e sua família no centro. Os índios pedem ao espírito mau que ajude a curar o doente, e segundo Zé Luiz, um dos xavantes, não é preciso fazer mais nada, porque a dança cura o doente.

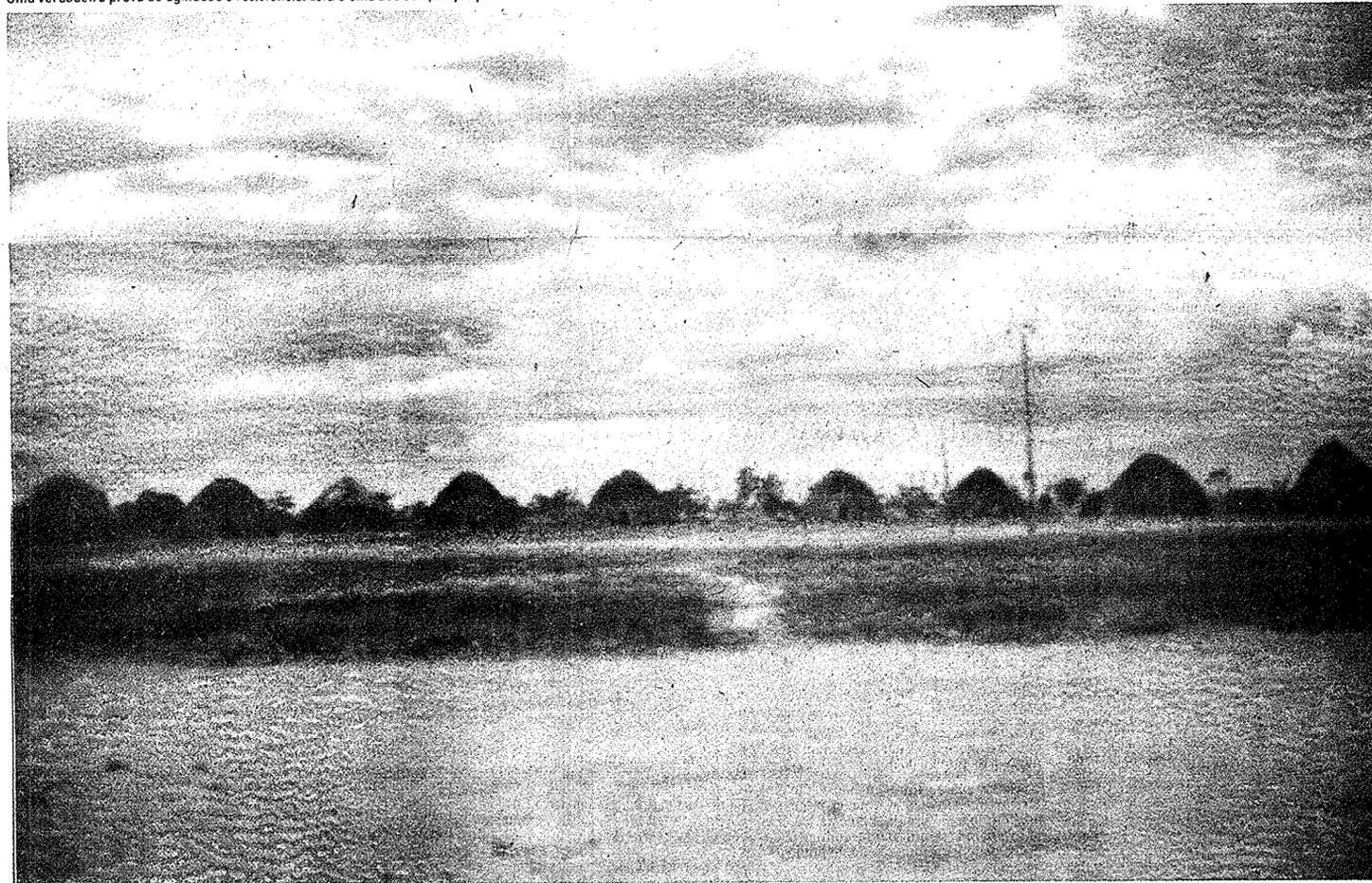
A terceira dança a ser apresentada será o "datswai'o", que para Zé Luiz é a dança mais bonita. Ela é feita para as mulheres receberem seus nomes pessoais, quase sempre depois de casadas e antes de terem o primeiro filho. Até então são conhecidas por apelidos que relembram características pessoais ou algum acontecimento que marcou sua vida.

A dança seguinte será o "wanoridobê", que é realizada durante uma das fases do longo ritual que marca a iniciação dos meninos da tribo na idade adulta. Com 12 anos os meninos saem do convívio dos pais e passam a viver com outros meninos da mesma idade. Aos 17 anos é feita a festa quando os meninos voltam a viver com os pais, e já são vistos como adultos. Durante a dança são estabelecidos laços de amizade, e as pessoas unidas passam a chamar-se mutuamente de "i' amo", que, literalmente, significa "meu outro".

A última dança programada é o "hoi'wadzauri", é realizada antes do sol nascer, no dia em que se inicia a cerimônia que marca a entrada de novos membros para o grupo de homens que irão participar do "wai'a".



Uma verdadeira prova de agilidade e resistência. Esta é uma das danças que poderão ser vistas no Municipal



Uma aldeia típica no Xingu, construída em semicírculo



Preparativos para a cerimônia de iniciação dos jovens



O ritual das corridas de toras de buriti